

A marcação cronológica dos primeiros povoados riograndenses e a elevação desses núcleos a municípios são tratadas na segunda parte do livro, colocando-se o autor na mesma perspectiva diacrônica já assumida a fim de atingir a verdade etimológica do nome em questão.

Finalmente, apresenta o vocabulário onomástico do Rio Grande do Norte.

Situando, dessa forma, a panorâmica toponímica de uma região brasileira, o autor vem corroborar, mais uma vez, através de tantos nomes de significados e motivação imprecisos para os pósteros, a universalidade do conceito de Jean Brunhes ao atribuir ao topônimo a condição de verdadeiro fóssil da geografia humana. Através dele, muitas vezes exclusivamente, pode-se alcançar a exata identidade de uma espécie vegetal ou animal, extintas, ou a reconstituição das características antro-po-culturais de uma raça, como um todo ou na individualidade de seus formantes.

MARIA VICENTINA DE PAULA DO AMARAL DICK

\* \*

\*

BOOTH, Wayne C. — *A Rhetoric of Irony*. The University of Chicago Press: Chicago, 1974. 292 p.

*A Rhetoric of Irony* é a mais recente publicação do autor de *The Rhetoric of Fiction*, obra geralmente tida como indispensável para os estudiosos de Teoria Literária.

Após declarar, no prefácio, que a ironia tem sido tratada dos mais diversos ângulos, Booth se propõe a examinar “a maneira pela qual a ironia funciona ao unir (ou dividir) autores e leitores (1), porque, em sua opinião, esse aspecto “tem sido negligenciado desde a última metade do século XVIII e nunca foi totalmente explorado” (2)

Ainda no prefácio, sua breve avaliação de *The Concept of Irony*, de Kierkegaard, *The Compass of Irony*, de D.C. Muecke (obra que julgamos básica), *Validity in Interpretation*, de E. D. Hirsch, e *The Word “Irony” and Its Context*, de Norman Knox é, sem dúvida, bastante útil pois constitui fonte certa de informações, onde os interessados no assunto podem buscar orientação ao pesquisar os múltiplos aspectos da ironia.

*A Rhetoric of Irony* divide-se em três partes. A primeira é dedicada à “stable irony”, que poderíamos traduzir por “ironia fixa”. Partindo de uma definição de que ironia é “dizer algo, querendo exprimir o oposto” (3), Booth se propõe explicar a ironia fixa através de sentenças, parágrafos e textos considerados irônicos. Após seguir o trabalho em quatro etapas sugerido por Booth, o leitor acumula as características da ironia fixa, tomando consciência

---

(1). — p. ix.

(2). — p. ix.

(3). — p. 21.

dos sinais que lhe permitem “saber” com segurança se o escritor está sendo irônico, isto é, se deseja transmitir algo diverso do que vem escrito no papel.

Essa ironia definida por Booth é bem diferente daquela de que fala Northrop Frye (4); para este, o uso da ironia em literatura leva o escritor “a voltar as costas para o público”, enquanto que para Wayne Booth “ela é a chave para os mais estreitos laços de amizade [entre leitor e escritor]” (5).

Como a ironia não é o único recurso usado em literatura para “dizer algo, querendo exprimir o oposto”, o Autor enumera as diferenças entre a ironia fixa e a metáfora, a alegoria, o trocadilho e a sátira.

A conclusão desta primeira parte é que a leitura de um texto irônico é “como traduzir, como descodificar, como perscrutar por trás de uma máscara” (6) Deve haver, portanto, a “reconstrução” do texto, a qual revelará as ironias pretendidas pelo autor. E como é feita esta reconstrução? Booth explica que ela responde à pergunta do leitor: “Isto é irônico?” A partir daí o trabalho de reconstrução se processa através de indícios (diretos e indiretos) semeados pelo autor. Mas o resultado é compensador, dada a importância da ironia na arte de interpretação de um texto literário.

A segunda parte do livro, que tem por objetivo examinar textos completos, a fim de descobrir através da reconstrução seus sentidos irônicos, é de grande utilidade porque, como continuação natural da primeira, possibilita ao leitor exercitar com os textos o que já aprendeu teoricamente.

Na última parte, o Autor aponta a diferença entre os dois tipos de ironia: a fixa (stable) e a variável (unstable). De acordo com o texto, na ironia fixa “os autores nos oferecem um convite inequívoco para reconstruir e as reconstruções não são depois destruídas” (7) Nesse caso, “os sentidos estão escondidos, mas quando são descobertos pelo leitor adequado são firmes como uma rocha (. . .) [são] lidos de maneira idêntica por todo leitor competente” (8)

Na ironia variável “a verdade afirmada ou sugerida é que nenhuma reconstrução fixa pode ser feita das ruínas reveladas através da ironia” (9)

Após mostrar as diferenças Booth classifica, em várias categorias, tanto a ironia fixa como a variável, fornecendo exemplos de todos os tipos.

A propósito de *A Rhetoric of Irony*, o próprio autor reconhece ter tratado a ironia de um ponto de vista, o retórico; assim, pensamos que a leitura do livro, fundamental para o esclarecimento de problemas relativos ao uso da ironia em textos literários, deve ser complementada pelas obras indicadas no prefácio e na excelente bibliografia incluída no fim do livro.

MUNIRA H. MUTRAN

---

(4). — *Anatomy of Criticism*, p. 271.

(5). — p. 14.

(6). — p. 33.

(7). — p. 233.

(8). — p. 235.

(9). — p. 240.